



**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**

**ACADEMIA AT THE CROSSROADS:
between the patriarchal-capitalist legacy and the urgency of a new social entity**

Giselda Corrêa Dorilêo

Doutoranda no PPGE-FE/UFG.

Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6457-369X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5693445227825828>

E-mail: giselda.dorileo@discente.ufg.br

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão crítica sobre a estrutura da academia contemporânea, argumentando que a universidade segue reproduzindo uma sociedade marcada pelo racismo estrutural, pelo patriarcado e pela engrenagem do capitalismo neoliberal. Utilizando a análise de Suanno (2016) sobre os descaminhos do capitalismo e as provocações de Piketty (2013) sobre a desigualdade, o texto discute a necessidade de transitar de uma igualdade formal para uma equidade real, que rompa com a “coisificação” dos sujeitos. A análise expande-se para a conjuntura política brasileira, articulando-se com a tese de Silva (2018) sobre a apropriação conservadora do ciclo de protestos de 2013. Argumenta-se que o vácuo de representatividade daquele período permitiu uma reorganização da direita que, ao capturar símbolos nacionais, passou a tensionar a autonomia universitária e a representatividade feminina no poder. Complementarmente, incorpora-se a reflexão da Reitora Márcia Barbosa (UFRGS) sobre como a polarização política reage agressivamente à ascensão de mulheres em espaços de decisão. Conclui-se que a resistência reside num grupo incipiente dentro das universidades que luta por um conhecimento acadêmico-científico comprometido com a transformação social e a superação das violências de gênero, raça e classe social.

Palavras-chave: academia; conhecimento científico; equidade, transformação social.

Abstract

This article proposes a critical reflection on the structure of contemporary academia, arguing that the university continues to reproduce a society marked by structural racism, patriarchy and the workings of neoliberal capitalism. Using Suanno's (2016) analysis of the pitfalls of capitalism and Piketty's (2013) provocations on inequality, the text discusses the need to move from formal equality to real equity, breaking with the “objectification” of subjects. The analysis expands to the Brazilian political conjuncture, articulating with Silva's (2018) thesis on the conservative appropriation of the 2013 protest cycle. It argues that the vacuum of representation during that period allowed for a reorganization of the right wing which, by capturing national symbols, began to strain university autonomy and female representation in power. Additionally, we incorporate the reflection of Rector Márcia Barbosa (UFRGS) on how political polarization reacts aggressively to the rise of women in decision-making

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

spaces. We conclude that resistance resides in an incipient group within universities that fights for academic and scientific knowledge committed to social transformation and overcoming gender-based violence.

Keywords: academia; academic knowledge; equity; social transformation.

Introdução

A universidade moderna não é um espaço neutro; ela é o produto acabado de um projeto de modernidade que, desde o século XVI, elegeu a racionalidade cognitivo-instrumental como o único caminho legítimo para o saber. Como aponta Suanno (2016), esse projeto vinculou-se umbilicalmente ao desenvolvimento do capitalismo, gerando uma ciência que, muitas vezes, serve mais à regulação e ao mercado do que à emancipação humana. No contexto brasileiro, essa herança é ainda mais latente: a academia foi planejada por e para homens brancos e ricos, estabelecendo uma barreira invisível que se perpetua mesmo após a suposta "abertura" democrática das instituições de ensino superior.

Atravessadas por uma estrutura patriarcal e pela interseccionalidade¹ que apresentam discursos de ódio de gênero, raça e classe social, vimos que as mulheres, a população negra e proletariada encontra na academia um território de disputas desiguais. Não se trata apenas de uma questão de acesso, mas de ocupação de espaços de poder. A realidade atual revela uma contradição gritante: embora a presença feminina, negra e de baixa renda tenha crescido nos bancos escolares, os postos de decisão e o prestígio científico continuam concentrados em uma elite que replica a lógica da branquitude². Mesmo quando mulheres alcançam o topo da pirâmide institucional, muitas vezes veem-se compelidas a reproduzir o discurso machista dominante para garantir a sua permanência, evidenciando que a estrutura é desenhada para moldar os sujeitos à sua imagem, e não para ser transformada por eles.

A universidade cumpre sua função social mais vital quando deixa de ser uma espectadora neutra para se tornar um agente ativo na garantia de direitos, utilizando a interseccionalidade como bússola estratégica. Ao abraçar essa lente, a instituição e seus coletivos estudantis conseguem identificar as lacunas invisíveis nas políticas de inclusão, reconhecendo que as opressões de raça, classe e gênero não são eixos isolados, mas forças

¹ Termo cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, a interseccionalidade propõe uma ferramenta analítica para apreender as múltiplas discriminações resultantes da combinação de várias identidades sociais e eixos de poder.

² O conceito de branquitude é aqui compreendido não como um atributo biológico, mas como uma posição de privilégio estrutural, simbólico e material ocupada por sujeitos brancos em sociedades racializadas. Refere-se a um "lugar de vantagem estrutural" onde a identidade branca é estabelecida como o padrão universal e "neutro" de humanidade, tornando invisíveis os seus próprios privilégios enquanto racializa e subalterniza o "outro" (Bento, 2002).

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

que se cruzam e potencializam vulnerabilidades. Posicionar-se a favor dessas pautas não é apenas uma escolha política, mas um rigor ético e científico: é garantir que a luta dentro da academia não beneficie apenas os grupos que já detêm algum nível de privilégio, mas que alcance aqueles que historicamente caem nas frestas do sistema. Assim, a universidade se transforma em uma verdadeira comunidade de resistência e produção de saber, onde a permanência e o sucesso do estudante não são decididos pela sua origem, mas pela capacidade da instituição em acolher e proteger a complexidade de suas identidades.

A ciência, neste cenário, precisa ser questionada em sua essência: que conhecimento estamos produzindo? Às custas de quem e de quais apagamentos? Se a história da educação brasileira segue reproduzindo modos de pensar do passado, ignorando as feridas abertas pela escravidão e pelo patriarcado, a práxis acadêmica torna-se desalinhada com a realidade social. É imperativo que a discussão sobre cor, gênero e classe social deixe de ser tratada como um "tema acessório" e seja o eixo central de uma reforma universitária.

Como defende o referencial teórico de Suanno e as críticas de Piketty, a racionalidade econômica não conduz automaticamente à racionalidade democrática. Pelo contrário, sem políticas deliberadas de equidade — que reconheçam as disparidades históricas em vez de pregar uma igualdade cega — a universidade continuará a ser uma máquina de “coisificação³” e reprodução de privilégios. Este artigo busca, portanto, desvelar esses mecanismos de exclusão e apontar caminhos para que a academia se torne, efetivamente, um espaço de construção de um novo devir social.

Há urgência desta discussão, visto que ela emerge de um cenário de intensa instabilidade política iniciado com o ciclo de protestos de 2013. Como analisa Silva (2018), a crise de representatividade daquele período abriu caminho para a política da direita uma “apropriação conservadora” das ruas, onde contramovimentos reacionários capturaram a indignação popular para fortalecer uma agenda de retrocessos. Esse processo de reorganização da direita não apenas tencionou as bases da democracia, mas elegeu a universidade e o pensamento crítico como alvos centrais de sua ofensiva.

Nesse contexto, a resistência no espaço acadêmico deixa de ser meramente teórica para se tornar uma luta pela sobrevivência institucional. A polarização política atual, conforme destacado pela reitora da UFRGS Márcia Barbosa (2026), numa fala manifestada

³ A coisificação (ou reificação) refere-se ao fenômeno social e ideológico, típico da modernidade capitalista, no qual as relações entre as pessoas assumem o caráter de relações entre coisas. Segundo Lukács (2003), a estrutura do sistema de mercadorias faz com que as propriedades sociais e humanas apareçam como qualidades objetivas e naturais dos objetos, ocultando a exploração e a subjetividade dos agentes envolvidos no processo produtivo e social.

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

em sua rede social, expõe uma reação virulenta contra a ocupação de espaços de poder por mulheres, evidenciando que a face mais visível do conservadorismo é o ataque ao gênero e à diversidade.

O Peso do Passado na Educação Brasileira: A Elite como Padrão

Conforme a análise sociológica de Florestan Fernandes (1975), a educação no Brasil reflete o dilema de um “capitalismo dependente”, no qual as elites locais utilizam a instrução formal não como ferramenta de progresso social coletivo, mas como um privilégio de classe destinado a reproduzir a dominação. A história da educação no Brasil não é apenas uma cronologia de instituições, mas um processo de manutenção de castas. Desde o período colonial até a consolidação das primeiras faculdades, o saber foi instituído como um marcador de distinção social: estudar era um privilégio reservado ao homem branco, herdeiro da aristocracia rural. Como aponta Suanno (2016), o projeto da modernidade trouxe consigo uma “razão instrumental ⁴” que serviu para hierarquizar não apenas conhecimentos, mas seres humanos.

Ao ignorar que a base da nossa sociedade foi construída sobre o silenciamento de vozes negras e indígenas, a academia contemporânea, mesmo quando se diz “aberta”, continua a operar sob o padrão eurocêntrico. A “autoridade científica” ainda é lida por meio de uma estética e de um léxico que excluem quem não pertence ao círculo histórico do poder. Assim, a universidade não apenas estuda a história; ela a repete ao manter os mesmos perfis no topo da pirâmide epistemológica.

No entanto, a universidade não deve ser lida como um bloco monolítico de reprodução sistêmica. Embora as relações de poder patriarcais e machistas ainda predominem, existe um grupo menor e incipiente que resiste e luta por novos paradigmas. É fundamental reconhecer esses núcleos de resistência interna que, assim como este trabalho, buscam romper com a visão de uma academia puramente conservadora e alinhada às elites.

Essa tensão entre o novo e o tradicional reflete-se diretamente na política institucional. A reitora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Márcia Barbosa, estabelece uma conexão intrínseca entre o fortalecimento de movimentos de extrema-direita e a ascensão de mulheres a espaços de poder. Em sua análise, a polarização

⁴ De acordo com Suanno (2016), a razão instrumental caracteriza-se pela primazia da técnica e da eficácia sobre a reflexão ética e humana. No contexto educacional, ela se manifesta quando o processo de ensino-aprendizagem é reduzido à mera transmissão de informações e ao treinamento de habilidades para o mercado de trabalho, fragmentando o conhecimento e silenciando a criatividade. A autora contrapõe esse modelo à necessidade de uma racionalidade sensível e transdisciplinar, que priorize a emancipação do sujeito e a compreensão da complexidade da vida.

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

política no Brasil contemporâneo não é um fenômeno abstrato, mas um movimento que ganha corpo no momento em que se articula a retirada de uma mulher da Presidência da República — o golpe que destituiu a presidenta Dilma Rousseff. Observamos que esse padrão de reação conservadora se repete globalmente: manifestou-se na resistência à liderança de Angela Merkel, ex-Chanceler da Alemanha; e evidenciou-se nos ataques de cunho sexista e racial direcionados a Kamala Harris, que disputou a presidência dos Estados Unidos na eleição de 2024 contra Donald Trump. Para a Reitora, a direita se arvora e se reorganiza estrategicamente sempre que vê o poder feminino subir, utilizando a desqualificação da identidade dessas mulheres como ferramenta central de mobilização política. A direita se mobiliza com especial agressividade quando as estruturas de comando deixam de ser exclusivamente masculinas, tornando o debate sobre gênero e poder uma urgência fundante para conter o avanço da violência política e do feminicídio.

A Armadilha da Representatividade sem Poder

Um dos principais desafios da academia atual é o fortalecimento da presença de mulheres, pessoas negras e de baixa renda em espaços que, embora visíveis, são desprovidos de real poder de decisão. Frequentemente, a instituição utiliza estas presenças como "tokens" de diversidade para validar uma imagem progressista, enquanto as estruturas permanecem intactas.

O relato de que muitas mulheres, ao alcançarem postos de comando, replicam o discurso machista, é um sintoma da colonização do pensamento. Num sistema projetado pelo patriarcado, a sobrevivência institucional muitas vezes exige que o sujeito oprimido adote as ferramentas do opressor para ser ouvido. Sem uma mudança na cultura organizacional e na distribuição real de recursos e cargos de direção, a representatividade torna-se uma máscara que esconde a perpetuação da branquitude e do domínio masculino nas instâncias de poder.

Para uma compreensão mais rigorosa da encruzilhada em que se encontram a academia e a democracia brasileira, é indispensável analisar as jornadas de protestos de junho de 2013 não como um evento isolado, mas como um ciclo de protestação marcado por fases distintas e atores em conflito. De acordo com Silva em seu artigo "A apropriação conservadora do ciclo de protestos de 2013: rumo aos protestos anti-Dilma?", o fenômeno deve ser caracterizado por uma mudança qualitativa fundamental na natureza da sua mobilização. A análise profunda dessa transição revela uma dinâmica de ação e reação:

A Gênese Progressista e a Ação Contenciosa: Na primeira fase do ciclo, a cena

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

pública foi dominada por movimentos sociais progressistas (como o Movimento Passe Livre). Sua ação contenciosa, voltada para a ampliação de direitos sociais e o questionamento da lógica mercantil nos serviços públicos, logrou êxito em desestabilizar a inércia institucional e capturar a atenção nacional.

O Surgimento dos Contramovimentos: O ponto de virada qualitativo ocorre quando essa efervescência das ruas é identificada e interpretada por contramovimentos conservadores não como uma ameaça a ser evitada, mas como uma "oportunidade política" para sua própria mobilização. Silva argumenta que houve uma apropriação parcial do ciclo de protestos: a direita aprendeu com a tática das ruas e as utilizou para subverter a agenda original.

A Mudança Qualitativa de Sentido: A transição da primeira para a segunda fase do ciclo é produzida por esse mecanismo de apropriação. O que era uma crítica sistêmica à exclusão social foi resignificado por esses contramovimentos como uma revolta moralista e antipolítica. Em última análise, o autor defende que, embora não haja uma causalidade linear, o ciclo de 2013 foi o espaço experimental onde se gestaram e fortaleceram os recursos, redes e atores que sustentariam as mobilizações pró-impeachment em 2015 e 2016, sinalizando o início de um processo de desdemocratização no cenário político brasileiro.

Essa reação conservadora foi potencializada por dois elementos externos fundamentais: a reorientação do enquadramento da mídia corporativa, que passou a legitimar seletivamente os manifestantes "pacíficos" em detrimento dos "vândalos", e a habilidade desses novos atores no uso das redes sociais para difundir pautas como o combate à corrupção. A convergência temporária entre grupos tão heterogêneos só foi possível devido ao compartilhamento de um posicionamento crítico aos governos do PT e uma desconfiança generalizada em relação à política institucional. De acordo com Silva,

O ciclo de protestos de 2013 produziu um abalo profundo não apenas na sociedade brasileira, mas também nas interpretações acadêmicas sobre a mesma. A conflitualidade que emerge neste/deste processo, com diversas inovações em termos de forma, conteúdo e atores promotores, confrontou quadros interpretativos predominantes até aquele momento. Abordagens que tomavam a institucionalização dos movimentos e conflitos sociais e o abandono de repertórios de confronto como características da democracia brasileira, especialmente após a chegada do Partido dos Trabalhadores (PT) a presidência da República em 2003, tiveram que ser revistas. A própria ideia de consolidação da democracia passou a ser problematizada.

O legado para a direita contemporânea, portanto, o ciclo de 2013 não foi apenas um momento de desagrado, mas o laboratório onde a direita brasileira se reorganizou. Ao

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

capturar os símbolos nacionais e a retórica da indignação, esses atores conseguiram deslocar o eixo do debate público, pavimentando o caminho para uma hegemonia conservadora que passou a desafiar diretamente as bases da democracia representativa e a autonomia das instituições de ensino e pesquisa.

Capitalismo e Coisificação do Saber: A Ciência como Mercadoria

O artigo de Suanno (2016) destaca como a globalização neoliberal reconfigurou a vida cotidiana e a própria universidade. Sob a lógica do capitalismo reordenado, a ciência passou a ser medida por indicadores de produtividade, patentes e rankings, transformando o conhecimento numa mercadoria e o pesquisador num "recurso". Para Suanno,

O capitalismo reordenado impregnado pela lógica de mercado globalizada e neoliberal asfixiou e reduziu o papel do Estado e, com isso, sua competência de definir minimamente a ética na produção e distribuição do direito. (Suanno, 2016, p. 109).

Esta "coisificação" atinge diretamente o debate acadêmico sobre raça e gênero e classe social. Quando a universidade se torna uma fábrica de artigos, as discussões sobre justiça social, equidade e reparação histórica são frequentemente vistas como "perda de tempo" ou "ideologia", pois não geram lucro imediato ou métricas de impacto tecnológico. A práxis acadêmica desalinha-se da realidade social porque está demasiado ocupada em atender às exigências de um mercado que prefere a manutenção do status quo à transformação radical das estruturas de classe. Portanto,

A educação a serviço do mercado tem comprometido a qualidade social da educação no sentido de formação humana, crítica, consciente, a serviço do bem comum, da democracia, da emancipação e do bem viver. Para se reverter esse caminho, seria necessário considerar a educação como direito e investimento social e político, fundamental para um Estado republicano e democrático. (Suanno, 2016, p. 113)

Justiça Distributiva e Equidade: Por uma Nova Via Epistemológica

A solução para o impasse da universidade não reside na igualdade formal — que trata igualmente aqueles que a história tratou como desiguais —, mas na equidade. Como discutido a partir de Piketty (2013), a racionalidade econômica não gera democracia por si só; é necessário um esforço deliberado de redistribuição.

O autor assinala a educação e o processo de difusão e partilha do conhecimento como um bem público por excelência, e não um mecanismo de mercado, destacando que a educação e a formação

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

humana têm potencialidade de ampliar a igualdade e também de gerar crescimento econômico de longo prazo. (Suanno, 2016, p. 126).

No plano acadêmico, isso significa justiça distributiva: cotas, bolsas de permanência, fomento específico para pesquisadoras negras e, acima de tudo, uma reforma curricular. Abrir o espaço na universidade para o debate de intersecção de gênero, raça e classe social é reconhecer que o conhecimento acadêmico-científico é, na verdade, parcial.

Uma nova via, inspirada na “razão sensível”⁵ e no compromisso com o bem comum, exige que a mesma deixe de ser um espelho do passado para se tornar o laboratório de um novo devir social. É preciso enfrentar o desconforto de desconstruir os privilégios da cor e do gênero para a ciência poder, finalmente, responder à pergunta: a serviço de quem estamos produzindo conhecimento?

Considerações Finais

O enfrentamento das questões aqui expostas não constitui apenas uma demanda ética, mas uma necessidade premente de sobrevivência da universidade enquanto instituição social. Como conclui a análise de Suanno (2016), mudar o caminho atual é improvável nas velhas fórmulas, mas não é impossível se houver uma mobilização de sujeitos conscientes e dispostos a romper com o caráter acrítico do conhecimento acadêmico-científico tradicional. Esta mudança exige que a academia decida se continuará a ser o guardião de privilégios históricos, baseados na branquitude e no patriarcado, ou se assumirá seu papel na vanguarda da emancipação humana.

A urgência dessa escolha é acentuada pelo cenário de polarização política e pela “apropriação conservadora” do descontentamento social, fenômeno que, como demonstra Silva (2018), teve seu marco nas jornadas de 2013 e culminou em uma ofensiva direta contra as instituições de saber. Nesse contexto, a resistência não é apenas intelectual, mas política. A fala da reitora Márcia Barbosa (UFRGS) nos recorda que o fortalecimento de movimentos reacionários guarda uma relação intrínseca com a rejeição à ascensão de mulheres aos espaços de decisão. Portanto, combater a “coisificação” dos sujeitos e as estatísticas de violência de gênero é parte indissociável da reconstrução democrática da universidade.

⁵ Para Suanno (2016), a razão sensível representa uma ruptura com o paradigma positivista e fragmentador, integrando a afetividade, a intuição e a imaginação ao pensamento rigoroso. Inspirada no pensamento de Michel Maffesoli e na complexidade de Edgar Morin, a autora defende que essa racionalidade não exclui a lógica, mas a complementa, permitindo uma educação que reconheça o ser humano em sua totalidade — biológica, social e afetiva — e que valorize a experiência vivida como parte essencial da aprendizagem transdisciplinar.

**A ACADEMIA NA ENCRUZILHADA:
entre a herança patriarcal-capitalista e a urgência de um novo devir social**
Giselda Corrêa Dorilêo

Em última análise, a academia deve transformar a dor das exclusões em potência de saber e de mudança. É necessário fortalecer o grupo incipiente de pesquisadores e coletivos que já atuam nas fendas do sistema, garantindo que a universidade deixe de ser um espelho das desigualdades para se tornar o laboratório de um novo devir social, onde o conhecimento esteja, finalmente, a serviço da vida e da justiça social.

Referências

BARBOSA, Márcia. **A polarização política e a ascensão das mulheres ao poder**. Porto Alegre: UFRGS, 2026. [Comunicação Oral/Fala Institucional].

BENTO, Maria Aparecida. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, USP, São Paulo, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

HONNETH, Axel. **Reificação**: um estudo de teoria do reconhecimento. Tradução de Ronei Clécio Mocellin. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

LUKÁCS, György. **História e consciência de classe**: estudos sobre a dialética marxista. Tradução de Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PIKETTY, Thomas. **O Capital no século XXI**. Tradução de Mônica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2013.

SILVA, Marcelo Kunrath. **A apropriação conservadora do ciclo de protestos de 2013**: rumo aos protestos anti-Dilma? Lusotopie, v. 17, n. 1, p. 88-111, 2018.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Mudar o atual caminho do capitalismo é cada vez mais improvável, porém não é impossível. In: LIBÂNEO, José Carlos.; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; ROSA, Sandra Valéria Limonta. (Orgs). **Didática e currículo**: impactos dos organismos internacionais na escola e no trabalho docente. Goiânia: Espaço Acadêmico; CEPED Publicações, 2016. p. 95-130.